

"EU APRENDI A NADAR"... PERCEPÇÃO DE IDOSOS ACERCA DA CONQUISTA DA APRENDIZAGEM DA NATAÇÃO - EM BUSCA DE UMA REFLEXÃO PEDAGÓGICA¹

"I LEARNED TO SWIM" PERCEPTION OF THE OLD ABOUT THE CONQUEST OF THE LEARNING OF THE SWIMMING – SEARCHING FOR A PEDAGOGIC REFLEXION

Carmen Lucia da Silva Marques*
José Francisco Silva Dias**

RESUMO

Através do presente estudo, objetivamos ouvir alunos idosos sobre sua percepção acerca da conquista da aprendizagem da natação e do sentido/significado da prática em suas vidas, tecendo, com a análise das categorias das respostas, reflexões pedagógicas que efetivem os idosos dentro do contexto educacional, especificamente no contexto de aprendizagem e prática de atividades aquáticas. Nossas ações se justificam baseadas na experimentação docente junto aos idosos que participam do Projeto de Extensão "Idoso, Natação e Saúde", implementado no ano de 1986 junto ao Núcleo Integrado de Estudos e Apoio à Terceira Idade, do Centro de Educação Física e Desportos da UFSM, coordenado pelo Dr. José Francisco Silva Dias. Através das falas, identificamos conceito, percepção de sucesso, atribuição à conquista da aprendizagem e sentido da atividade na vida destes idosos com os quais convivemos cotidianamente através da oportunidade de participação que a universidade promove com e para esta população.

Palavras-chave: percepção; idosos; aprendizagem.

INTRODUÇÃO

Ao longo do período em que são desenvolvidos estudos que abordam o processo de ensino-aprendizagem da natação (em toda a sua complexidade), unido à grande relevância dada ao indivíduo idoso ou ao tema terceira idade, parece oportuna a busca de fundamentações que, aproximando com o máximo de coerência a teoria e a *práxis*, se interrelacionem para o desenvolvimento de análises, considerações e propostas que argumentem com fidelidade as ações educativas que temos praticado.

Dentro do contexto no qual expomos nossas ansiedades, expectativas e incertezas relativas às nossas atitudes pedagógicas, observamos, sem hesitar, que a prática de atividade física regular

vem sendo não só prescrita, mas também assimilada como grande aliada na conquista de uma perfeita sintonia entre quantidade e qualidade, em se tratando da vida humana.

Especificamente em um período da existência ou no "entardecer da vida"(FRAIMANN, 1994), em que onde os reflexos são sentidos como respostas ao estilo de vida anterior (infância, juventude, meia idade), temos percebido que as possibilidades de ação ainda poderão ser experimentadas e diversificadas, vindo com elas, no entanto, a determinação de objetivos, a escolha da atividade mais apropriada e a ação pedagógica consciente.

Vislumbramos, portanto, como grande aliado na conquista da melhor qualidade de nossas intervenções pedagógicas, o uso de

¹ Dissertação de Mestrado do PPGCMH/UFSM - Financiado pelo CNPQ- Apresentado/discutido na forma de apresentação oral no II Congresso Latino-americano e III Congresso Brasileiro de Educação Motora – Natal,2000.

* Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Ciência do Movimento Humano - Universidade Federal de Santa Maria/ Mestre pelo respectivo programa.

** Doutor em Educação / Orientador do PPGCMH/UFSM.

reflexões mais aprofundadas acerca da aprendizagem desenvolvida com a terceira idade.

Neste sentido, nossa atenção estará centrada para que sejam atendidas as reais necessidades e expectativas dos indivíduos, buscando sempre uma estreita ligação entre o comportamento humano e o processo de ensino-aprendizagem e desenvolvimento do aprendiz, que envolve suas dimensões (biológica, psicológica e social) e, conseqüentemente, sua individualidade.

Por experiências, portanto, que nos identificam com o meio aquático, contexto no qual se desenvolvem nossas investigações, entendemos que, além da própria prática, que já prevê por si só alterações significativas de postura diante da vida (social, de si mesmo), o meio poderá ser determinante a estas alterações: são as relações do homem com a água que ditam as regras nas atividades aquáticas.

Saber nadar ou dominar o corpo na água poderão ser sinônimos, dependendo da compreensão que carregamos do nadar e das metas a serem atingidas, o que não descarta, em nenhum momento, a necessidade da conscientização de que aprender (ação e meio) estará mais relacionado à concepção de aprendizagem do que a resultados determinados e preestabelecidos, considerando, em qualquer idade, as vivências e experiências anteriores.

Serão essas experiências, portanto, que determinarão o controle de um “novo corpo” na água, concebido em função do novo meio do qual passa a fazer parte.

Neste novo meio, o peso corporal diminui e o empuxo e a descontração natural levam à flutuação. Estando o indivíduo integrado (adaptado), esta ação após aprendida e experimentada, se dará com consciência e, conseqüentemente, com liberdade de movimento.

Façamos então relevantes as palavras de Manoel (1995, p.13), quando afirma que

o meio no qual desenvolve-se o ato de nadar, por não ser considerado natural ao ser humano, é o maior responsável pela caracterização da natação como uma atividade motora igualmente não muito natural.

Natural ao ser humano ou não, percebemos que a natação vem ocupando um espaço, se não por prescrição, por opção dos praticantes, de grande preferência na realização de uma atividade física regular.

Centrado, portanto, não na discussão da “naturalidade” do ato de nadar, mas na falta de experiências motoras anteriores no meio líquido, o provável problema de aprendizagem enfrentado por pessoas idosas que não exerceram tais experiências poderá ser similar ao de qualquer outro indivíduo, em qualquer idade, que ainda não tenha desenvolvido esta relação.

Consideramos provável, portanto, que a aprendizagem da natação deva, *a priori*, passar por uma análise precisa das relações que se estabelecem entre o homem e o meio líquido, levando em conta, ainda, pressupostos cognitivos, afetivos e motores, que venham unir-se a um desempenho que se fará acessível a todos.

O desempenho referido, entretanto, relaciona-se à necessidade do homem de conquistar o meio para “sobreviver a ele e ao seu confronto” (BURRIEL; BLANCAFORT, 1986).

Observamos assim, o quanto parece ser oportuno, ao tratarmos com a população idosa que apresenta objetivos diversos em suas atitudes, fornecer, no processo de aprendizagem, as possibilidades de dominar uma técnica, não sendo esta, necessariamente, seguidora de regras ou modelos preestabelecidos, mas sim a aquisição de habilidades que proporcionem o conhecimento de como agir nesse novo meio, e, ainda, de diferentes (e eficientes) modos de nadar.

Juntamente a tais constatações, encontramos algumas questões que são elaboradas em função de um novo perfil de aprendiz que vem surgindo de forma emergente, e que tem como características que o diferenciam, além da idade cronológica, as individualidades que envolvem objetivos, forma de aprender e metas a serem alcançadas.

Encontramos, contudo, de forma até freqüente, considerações em estudos e referenciais teóricos a respeito da necessidade da revisão de determinados métodos que visam uma certa acomodação do ensino, buscando caminhos pedagógicos considerados mais coerentes para o trabalho com a população idosa.

Pensamos, porém, que trabalhar com os mais velhos dentro d'água não requer uma postura pedagógica que vislumbre fórmulas específicas, e sim uma postura reflexiva na qual devem ser considerados o momento e as perspectivas de aprendizagem, relacionados com objetivos e metas.

Dentro de tais perspectivas, todavia, talvez seja interessante que prevaleça a conquista de benefícios imediatos, como o "prazer de fazer", que infere à superação de limites e de supostas barreiras com o meio.

Entendemos assim a grande possibilidade que há em remeter mais qualidade à vida através de uma simples mas significativa mudança de postura frente ao desconhecido e do quanto a aprendizagem, vinculada às experiências, poderá ser determinante nesta conquista.

Em relação a isto, podemos dizer que o nível de intensidade do exercício dentro d'água, por exemplo, não será mais relevante do que a regularidade de sua prática, ainda que com intensidade moderada; e que "aprender a fazer" poderá melhorar significativamente a qualidade da prática, alterando, conseqüentemente, a postura do aprendiz diante da percepção dos benefícios biológicos, além dos psicológicos e sociais que a atividade faculta, importando, sobretudo, o significado atribuído ao "movimento-movimentar-se" (TREBELS, 1998, p. 35).

Justificamos o uso do termo "movimento" agregado ao "movimentar-se", aderindo às afirmações de Trebels (1998, p. 35-6), que declara:

movimentar-se não é só a ação motora de um corpo em movimento e é ao mesmo tempo uma atividade para dentro de uma certa situação, que é estruturada e reconhecida pelo movimento.

Da mesma forma, buscamos a atribuição de sentido às ações motoras, seguindo ainda Trebels(1998, p. 36):

Movimentar-se é sempre uma atividade relacionada ao sentido. Movimentando-se as pessoas sempre seguem certos sentidos de movimento, que são descobertos e, de maneira específica, desdobrados pela ação.

Proporcionar, portanto, aos mais velhos, dentro do meio aquático, o que estes realmente merecem, condiciona-se a oferecer respostas às questões "o que, como e por que (ou para que)" fazer, sem perder de vista, no nosso entendimento, o contexto, a situação e o sentido das ações motoras a estes propostas.

Logo, ensinar as possibilidades de encontrar as respostas fará com que o aprendiz, independente de sua idade cronológica, evolua e tenha seus objetivos e perspectivas em relação à prática conquistados e ampliados com o tempo e com a vivência que, esperamos, lhe seja oportunizada.

Esta oportunidade requer, acreditamos, a aceitação do "fluxo da vida", das transformações, ao que Chopra (1999, p. 221) esclarece:

Quando você resiste ao fluxo da vida, na verdade está resistindo à sua natureza interior, pois tudo o que nos acontece é um reflexo do que somos [...] Isto é parte do mecanismo da percepção. Perceber é entender o significado de algo.

Consideramos coerente deixar explicitadas as origens de nossas intenções no que diz respeito especificamente à atuação que desenvolvemos dentro do contexto que envolve o indivíduo idoso com a prática de atividades aquáticas, caracterizada por nossa participação há dez anos consecutivos e, atualmente, como coordenadora técnica do Projeto de Extensão *Idoso, Natação e Saúde* junto ao Núcleo Integrado de Estudo e Apoio à Terceira Idade (NIEATI), na Universidade Federal de Santa Maria.

Com base, então, nas argumentações até aqui delineadas, propusemo-nos a intensificar nossas reflexões em relação ao nosso fazer pedagógico junto aos idosos, tendo como objetivo, neste estudo, verificar, através de uma análise qualitativa, qual a percepção que idosos participantes do Projeto de Extensão *Idoso, Natação e Saúde*, atribuem à conquista da aprendizagem da natação, buscando formular algumas reflexões pedagógicas acerca da prática de atividades aquáticas com esta população.

MATERIAL E MÉTODO

Característica metodológica

Esta pesquisa caracterizou-se como uma abordagem qualitativa do tipo estudo de caso, segundo Lüdke e André (1986), utilizando, para a coleta de dados, a técnica de entrevista semi-estruturada e para análise dos resultados, a técnica de análise de conteúdo (BARDIN, 1977).

Dos participantes

Os participantes de nossas investigações fazem parte do Projeto de Extensão *Idoso, Natação e Saúde*, cuja coordenação técnica encontra-se sobre nossa responsabilidade, justificando a escolha em função do contato direto com o respectivo projeto há oito anos consecutivos, o que nos facultou propriedade para reavaliarmos constantemente as ações que ocorrem junto ao mesmo e, quando julgamos necessário, como no momento atual, atuarmos como investigadores para o alcance da melhor qualidade de nossas ações pedagógicas junto à terceira idade.

Idosos elencados

Os idosos que selecionamos para as nossas investigações, condizem com algumas características que julgamos relevantes.

Considerando, portanto, que foram "tramadas" reflexões a respeito da percepção dos alunos em relação à aprendizagem e prática da natação, concentramos nossos questionamentos aos idosos que participam do projeto de extensão *Idoso, Natação e Saúde*, desenvolvendo atividades de hidroginástica e natação com uma frequência de duas aulas semanais.

Como delimitação do estudo e, seguindo as determinações da Lei n. 8.842 de 4 de janeiro de 1994, para caracterizar as pessoas da "terceira idade", elegemos para nossos "atores sociais" (MAZZO, 1998) os alunos com idade igual ou superior a sessenta anos.

Optamos por elencar os respectivos atores de forma intencional (já que o número de participantes é extenso e caracteristicamente heterogêneo em vários aspectos), e direcionamos nossas investigações à duas turmas distintas, sendo uma com tempo de prática superior a dois

anos e, outra, com tempo de prática inferior a um ano, não considerando essas variáveis, no entanto, a princípio, como determinantes na análise dos resultados.

Ainda, em função da característica metodológica da respectiva pesquisa, foram entrevistados/observados um número de dez sujeitos, distribuídos nas duas turmas selecionadas, sendo cinco em cada uma das respectivas turmas. Esses sujeitos, após ratificadas as características que os qualificavam para fazer parte do estudo, tiveram sua seleção determinada por sorteio, ou seja, foram, nesta etapa, selecionados aleatoriamente.

Instrumento e procedimentos

Foi utilizada, para a coleta de informações, a técnica de entrevista semi-estruturada (LÜDKE; ANDRÉ, 1986), cujas questões norteadoras buscaram determinar, especialmente, a percepção que os alunos idosos do projeto extensionista *Idoso, Natação e Saúde* possuem em relação à aprendizagem e à prática das atividades aquáticas.

Convém, enquanto intenção de contextualizarmos com mais clareza nossas atitudes no exercício de nossas investigações, relatar com mais especificidade alguns passos dos procedimentos metodológicos.

Desenvolvemos, paralelamente à construção de nossa dissertação de mestrado, um projeto de pesquisa, junto ao NIEATI, que apresenta como objetivo principal, traçar um perfil dos alunos idosos participantes do projeto extensionista *Idoso, Natação e Saúde*, em uma complexa investigação que intitulamos: "Quem são os 'velhos' que freqüentam a piscina da UFSM?".

Com a respectiva investigação, pretendemos, além de criar um banco de dados com o máximo de informações que possibilitem a determinação do perfil dos respectivos indivíduos, mantermos uma relação de "conhecimento" e "reconhecimento" dos sujeitos aos quais direcionamos nosso trabalho.

Nesta perspectiva, buscamos traçar o perfil sócioeconômico e cultural dos respectivos sujeitos, além de informações relativas ao tempo, número e identificação dos projetos vivenciados pelos mesmos na universidade.

Com base nos respectivos dados, tivemos a possibilidade de definirmos, dentro dos

preceitos que determinam e mantêm os objetivos basilares do projeto de extensão ao qual dirigimos nossa pesquisa, algumas caracterizações desveladas no instrumento de coleta (questionário, validado e adaptado de pesquisa realizada pelo Conselho Estadual de Idosos/RS)² e através das mesmas, previmos com maior exatidão os participantes que seriam investigados e que se fizeram condizentes com nossas propostas.

Definimos, assim, os sujeitos que foram alvo de nossas questões e os procedimentos metodológicos na aplicação das mesmas. Após a determinação do perfil, onde tivemos desvendada a faixa etária dos participantes, o tempo de prática junto ao respectivo projeto e a frequência semanal em que são realizadas as práticas, além de outros dados, em especial a afirmativa sobre a conquista da aprendizagem da natação, estes (os participantes), quando elencados (após sorteio), foram submetidos à entrevista semi-estruturada, aplicada por nós, enquanto pesquisadores e coordenadores técnicos do projeto extensionista; e as aulas, conduzidas por monitores devidamente qualificados, foram assistemáticas, filmadas e fotografadas, com o intuito de enriquecer os dados qualitativos que conduziram a metodologia da pesquisa.

Questões norteadoras da entrevista semi-estruturada

- O que significa (conceito) para você aprender a nadar?
- Você considera que aprendeu a nadar?
- A que você atribui o fato de ter aprendido ou não a nadar?
- O que significa para você (sentido) praticar atividades aquáticas dentro do respectivo projeto?

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ouvindo a voz dos velhos

Ao optarmos pela utilização da técnica de Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977)

² Os Idosos do Rio Grande do Sul: Um Estudo Multidimensional de Suas Condições de Vida - CEI (1997).

justificada anteriormente, temos a convicção de que as respectivas questões norteadoras, através dessa técnica, terão suas essências desveladas e nossas pretensões satisfatoriamente atingidas.

Vimos que, embora as essências estejam, em sua maior parte, relacionadas às "mensagens ocultas", será através da explicitação das respostas e suas respectivas categorizações que encontraremos o equilíbrio, a serenidade e a reflexão esperadas na conclusão de nosso estudo.

Passamos então, em um primeiro momento, seguindo Bardin (1977), à tomada de consciência (pré-análise) e ordenação (exploração do material), culminando nossa reflexão com as fundamentações teóricas que, confirmando ou retificando, serão o alicerce em que ficarão ancoradas nossas questões norteadoras, através da "voz dos velhos" e, finalmente, nossas reflexões e percepções acerca do tema ao qual nos propomos a investigar.

Reportamo-nos então, à questão referente ao "conceito de nadar" (questão 1), a qual, diretamente relacionada aos objetivos propostos, nos oferece em suas significações mais intrínsecas dois pontos essenciais:

O primeiro, a "afetividade", fica evidente quando surgem das falas expressões que vinculam o conceito de nadar à conquista de desafios, prazer de fazer, libertação, sempre relacionados à superação de um limite quase unânime nas pessoas que partem para a água: o medo.

Eu gosto de nadar, adoro, mas [...] Deus o livre! Eu disse para a guria, um dia eu hei de aprender a nadar. Eu nunca tinha nadado. Eu tinha medo da água. E a guria me disse: a senhora não vai aprender nunca porque a senhora é muito tensa. Meu esposo também disse que eu não iria aprender. Mas me deu uma raiva, uma raiva [...] eu fui num canto da piscina e pulei, pulei [...] até que me larguei. Me larguei assim (gestos) e depois disso eu aprendi (A Cantora)

Burriel e Blancafort referem-se a esse medo como um propulsor do desafio e da aprendizagem e relatam:

O desempenho, ou a aprendizagem, relaciona-se intimamente à necessidade do homem de conquistar o meio para

sobreviver a ele e ao seu confronto (1986, p. 22).

Neste sentido, entendemos a importância, a qual já nos referimos anteriormente, de que no processo de aprendizagem prevaleça a conquista de benefícios imediatos, como o prazer de fazer, que infere à superação de limites e de supostas barreiras com o meio.

Dessas supostas barreiras, nosso ator nos fala:

É uma grande coisa saber nadar, é uma grande coisa. É obrigado a aprender senão cai na água e está perdido (O Dançarino)

E do prazer de estar em cena, ouvimos:

Nadar é ótimo. Quem aprende tem o corpo livre, mais saudável! A pessoa que não sabe tem medo, em primeiro lugar o medo da água, ela não consegue se libertar, é sempre uma pessoa tensa. É uma pessoa que [...] ela cai na água mas fica [...] e a pessoa que sabe se atira n'água e é livre. Andar na água é a mesma coisa que andar no chão. Para quem sabe (O Mecânico)

Assim, se saber nadar é "atirar-se e ficar livre", estamos indo ao encontro de Ken-Ishi-Sato, que em Marques (1997, p. 4) relata e contagia:

A água tranquiliza, você aprende a se entregar, aprende a ser você mesmo dentro d'água; não a se entregar simplesmente e adormecer, mas acordar e perceber a si e à água em relação. Isto é treinamento em natação, perceber desde a ponta dos dedos até o íntimo da respiração, de cada posição, cada movimento, cada força aplicada. (CENNI, 1993)

E, se ainda restar dúvidas sobre as relações afetivas que entendemos, o conceito de nadar fez aflorar em nossos atores, que, falando de Sato, nos sustenta:

Para Sato, a natação é usada como possibilidade para abrir a percepção de seus alunos para o contato com a natureza e para a importância da relação

humana, estabelecendo paralelos entre as dificuldades do aprendizado e os problemas enfrentados na vida (CENNI, 1993, p. 4; MARQUES, 1997).

O segundo ponto que a primeira questão nos mostra, ainda mais explícito que o primeiro, traz-nos o "movimento" como o fator conceitual mais objetivo do "saber ou aprender a nadar".

Nas metáforas das falas ("flutuar em cima d'água, andar na água") o movimento idealizado traz um sentido também metafórico: um sentido de liberdade, de alçar novos vãos e novos rumos, partir para o até então não realizado.

Contudo, nos fragmentos objetivos (reais) de seus depoimentos, nossos atores demonstram a mais convicta idéia de que saber nadar e estar em movimento são atitudes únicas e indistintas:

Para mim é ficar na água em movimento, sair do lugar sem afundar" (Olguinha)

Tais afirmações, percorridas de modo tão simples mas categórico, têm sua ratificação quando trata a natação como uma habilidade motora e, portanto, como atividade que busca com o movimento, de alguma forma, o aperfeiçoamento.

Marques (1997, p.8) cita Reis (1987) que confirma:

A aprendizagem da natação caracteriza-se por uma variedade de possibilidades de movimentação na água. Devido às várias mudanças decorridas da posição do corpo na água, a aprendizagem técnico motora da natação apresenta diferenças fundamentais em relação ao movimento diário do ser humano.

Sentir-se em movimento, pois, parece uma percepção relevante na questão que busca desvendar o conceito de nadar. É o que ouvimos:

Nadar é estar fazendo exercício [...] um exercício completo para o corpo. Mexe tudo (Tio João)

As fundamentações da inseparável relação nadar e movimentar-se aportam no discurso de Burriel e Blancafort (1986, p. 11):

Saber nadar supõe, necessariamente, a aquisição de um duplo domínio: o do corpo na água, que da forma mais completa possível, favorece, por um jogo de sensações, a adaptação ao meio aquático e a técnica dos nados, quer dizer, dos diferentes modos de nadar, incluídos aqueles cuja referência às regras não está estabelecida.

Ao estarmos refletindo as percepções que indivíduos idosos dispõem acerca da aprendizagem da natação, e evidenciando a questão do movimento-movimentar-se, destacam-se na voz dos velhos as proporções que o sentido desse movimento-movimentar-se toma na vida dos que estão envelhecendo:

O conceito de saber nadar, filha, eu tenho para mim que a gente exercita o corpo, a gente tem aquela função, aquele movimento que vai se fazendo e vai se agilizando mais, tem mais agilidade no corpo e vai ficar melhor em tudo que é sentido. Eu penso para mim que é muito bom a gente aprender essas coisa novas que estão dando agora e que antigamente a gente não tinha. Nunca pôde fazer [...] (Dona Nina)

E nossos atores sociais continuam a expor seus estados emocionais, afetivos e motores em relação à sua conquista da aprendizagem da natação.

Embora todos os idosos elencados o tenham sido também por fazerem parte daqueles que se julgam ter aprendido a nadar, era preciso ouvi-los "dissertar a respeito desta conquista" (questão 2), para que as essências dessa percepção de sucesso não se perdessem atrás de uma simples afirmação.

E elas afloraram:

Aprendi. Para mim foi a melhor coisa (palavras misturadas a risos). Eu adoro nadar. Nadar e cantar. Em casa eu canto. Acho que me chamam de louca (mais risos) (A Cantora)

À sombra das respostas (das já vistas e das que virão) é difícil não perceber a individualização da aprendizagem, seu significado único para um ser único, em um contexto singular, porém

vinculada ao mundo de vida e à cultura que forma esse contexto.

Disto nos oferece reflexão a fundamentação de Marques (1997, p. 12):

Dão-se assim no mundo da vida enquanto horizonte de sentido, as condições gerais das aprendizagens dos distintos lugares sociais em cuja facticidade habitam os dados empíricos do cotidiano vivido e os pressupostos que o transcendem e do qual irradiam a cultura, a sociedade e a personalidade distintiva de cada um, configuradas em temas distintos, sobre os quais importa refletir em busca do entendimento das formas generalizadas da aprendizagem.

Buscamos ainda, referindo-nos à percepção da conquista (ou do sucesso) explanada pelos próprios velhos, nos reportarmos ao que a sociedade tem estigmatizado para estes, e que não corroboram, ao menos no contexto que estamos abordando, as respostas dos que dizem convictos: "Eu aprendi a nadar [...]"

Retomamos esses pontos de reflexão auxiliados por Dias (1997, p. 47):

A todo momento se ouve comentários como: o velho é uma carga, porque se acha preso ao passado e é incapaz de adaptar-se às novas condições de exigências da vida. Muitas vezes, ouvimos os próprios velhos dizerem: já estou muito velho para aprender. E por esta razão, preferem muitas vezes ficar alheios e deixar que os jovens os substituam [...] Porque os próprios interessados se julgam incapazes? [...] Em primeiro lugar porque vivemos numa época de muita pressa em tudo, de ansiedade e impaciência [...] O medo da morte é algo presente e, em virtude disso, todo o velho prefere agarrar-se àquilo que já tem e ninguém pode lhe tirar (suas recordações e sua rotina), do que buscar aquilo que ainda não tem.

Fraimann (1988) apud em Dias (1977), que a limitação da capacidade de aprender dos mais velhos está ligada ao caminho da vida, quando as pessoas são impedidas de continuar a ter perspectivas, já que a pedagogia voltada para os primeiros anos de vida vai tolhendo e inibindo as pessoas desde a idade mais jovem.

Mas nossos atores demonstram não seguir este estigma. Eles estão falando para que tenhamos perspectivas, e suas vozes ecoam na fundamentação do mesmo autor:

Ainda é possível no idoso o aperfeiçoamento? Podemos dizer que sim, de acordo com teorias médicas tais como: a mente não cansa, cansa o físico, os olhos e o corpo por permanecerem por muito tempo em uma só posição. Portanto, o aperfeiçoamento é sempre possível. Em todas as idades.

Entendemos que conscientizar o sucesso/aprendizagem, independente da percepção que essa aprendizagem adquira para um determinado contexto, deverá estar vinculado à uma “atribuição para esta conquista”.

Vontade e necessidade são destaques de atribuição nas conversas com os velhos, cujas situações às quais os mesmos foram expostos ou desafiados, os levaram a aceitar o desafio e conquistar.

Aprendi porque tinha vontade. Eu ia para a piscina do clube e ficava lá vendo os outros, aí eu disse: não, eu vou Ter que aprender. Foi a força de vontade. A minha guria mesmo diz que quer ir me ver nadar, ela duvida ainda. Eu disse: pode ir para tu ver. Quem tem vontade faz (Dona Edi).

Essas atitudes podem ser evidenciadas, ainda, como metas, o que nos remete a Nicholls (*apud* CASTRO, 1997, p. 8), que diz:

A meta do indivíduo mostra como ele cognitiva e afetivamente ‘responde a’ e ‘atua em’ situações referentes à realização. Diferenças nas perspectivas de metas refletem divergentes formas de julgamento dos níveis de habilidades e subjetivamente definem sucesso.

A mesma autora refere-se ainda, a um fator que poderá ser influente na capacidade de ação dos indivíduos, a autoconfiança, e relata que quando se destrói a autoconfiança de uma pessoa, suas capacidades podem ser também destruídas.

Os atores que nos falam demonstram a importância do estímulo baseado na produção de autoconfiança. Então destacamos:

Eu aprendi um pouco pela minha própria vontade, pois tem que ter vontade própria para fazer aquilo que tu desejas. E a paciência dessas professoras que são maravilhosas, dão toda a atenção, aí tu adquire segurança. Tu aprende, flutua e não tem medo. Tem muitos que acham que não aprendem, mas é porque têm medo e não perdem (A Cantora)

A autoconfiança relaciona-se ainda, à experimentação progressiva, à conquista do domínio que poderá levar ao encontro deste sentimento:

“Eu me movimento bem na água, me sinto bem dentro d’água. Domínio a água. Eu já não tinha medo porque eu era militar não é, então a gente tinha que fazer travessia em curso d’água, mas era rio, aqui não, aqui é outra coisa, não há perigo nenhum (Tio João).

As atribuições ou crenças sobre a conquista da aprendizagem e perspectivas de meta são tratadas por Duda (1994, *apud* CASTRO, 1997, p. 9):

A meta de aperfeiçoamento e aprendizagem orientada à tarefa tem sido ligada à crença de que o esforço, tentativa de compreensão do assunto e colaboração, conduzem ao sucesso. A meta orientada ao ego está associada à crença de que o sucesso é uma consequência da tentativa de vencer a da competência superior.

A crença na superação de um desafio, quando questionada a atribuição de aprendizagem poderá estar intimamente associada ao fator de dominação do meio.

Temos, assim, a fala que ilustra:

Aprendi porque necessita para a pessoa que é adulta, assim como eu com uma certa idade, que sabia nadar, porque um dia pode vir o perigo. Com a água e com o fogo a gente tem que se cuidar. Eu não sou nadador, mas me defender eu sei [...] (Seu Negrini)

Quanto ao fator que nos remete às percepções históricas que a prática da natação carrega em sua trajetória, Marques (1997, p. 1) escreve:

Historicamente, encontra-se como fator de atribuição à relação criada entre o homem e o meio líquido, a necessidade, provavelmente devido ao seu espírito de imitação, do homem de locomover-se na água. Aprender a nadar, se resumia no resolver de uma sucessão de problemas ligados ao próprio instinto de sobrevivência e necessidade de experiência.

E retomando os fatores ligados à *história de vida, experiências anteriores e cultura*, levando em conta a atribuição dada à aprendizagem pelos idosos que consideram tê-la adquirido, selecionamos:

Quando eu aprendi nadar eu era pequeno, era piá, então quer dizer que eu achava lindo nadar. Achava um esporte como se fosse uma coisa boa, como de fato é [...] então eu aprendi a nadar assim: eu fiz uma bóia de corticeira e aí atei um barbante [...] amarrava no peito assim e nadava. Não afundava de jeito nenhum com a bóia de corticeira. A gente morava para fora não é, então quer dizer que a gente inventava com bóia de corticeira e esta borracha [...] não afundava de jeito nenhum. Depois, a gente piá é muito mais fácil de aprender do que a pessoa de uma certa idade, e tem muito mais facilidade, mais reflexo, não tem medo. Então eu aprendi a nadar assim (Pedrão)

E, se os atores se consideram aprendizes de sucesso, estão fortalecendo nossas premissas quando afirmamos que, a gerontologia tem mostrado que a pessoa idosa não está privada da capacidade de aprender e atualizar-se. Aprenderão os mais velhos, portanto, mais facilmente, com uma exposição nitidamente articulada. A técnica da aprendizagem, pois, concentra sua caracterização na exigência de uma exposição mais rigorosa do novo conhecimento. O como e o porque serão

imprescindíveis para a aceitação da nova postura estimulada e aprendida.

Todas as manifestações voltadas às questões norteadoras deste estudo convertem-se, conforme nossas perspectivas, ao ponto que indaga o "sentido/significado" da prática na vida dos atores sociais e habitam nossas investigações.

Chopra (1999) fala do sentido da vida na velhice, abordando o que ele chama de novo paradigma, que diz que a vida é um processo de transformação constante, não de declínio, e, assim, é cheia de potencial para um crescimento sem limites.

Os atores elencados para esta pesquisa referem-se à questão do sentido/significado da prática evidenciando especialmente o fator saúde, que é ímpar para a conquista de uma prioridade para um envelhecimento pleno: a autonomia.

Diz Chopra (1999, p. 243):

Há um significado secreto esperando para ser descoberto em cada vida, e aqueles que o encontraram são os professores que procuro para que me ensinem a minha futura sobrevivência. Eles viveram longos anos após o segundo nascimento. São eles os verdadeiros cientistas da longevidade e, a assim sendo, os seus verdadeiros gênios.

Falando do sentido/significado da ação aqui estudada, esses "sábios professores" nos confessam:

Tem muito significado. Antes de vir para cá eu vivia assim, numa depressão, na cama, no psiquiatra [...] problemas particulares [...] . Aí uma irmã que vem aqui disse: não, vamos lá. Então vamos. Aí agora não sei, só o dia que eu não puder mais vir ou morrer, eu adoro isto aqui. Um pedaço da minha vida é aqui (lágrimas) (Dona Edi).

As falas acima coincidem com o comentário de Chopra (1999, p. 235)

As pessoas mais velhas hoje em dia tendem a não ser simples sobrevivente, mas sim, indivíduos que incorporam atitudes e valores invejáveis.

A saúde que nossos interlocutores (atores) determinam conquistar através da prática está ligada às dimensões dos indivíduos, biológica, psicológica, social e atribuídas ao novo paradigma de Chopra (1999, p.152) que enaltece a atividade em detrimento da letargia:

Não há grupo que corra risco mais elevado de depressão, doença e morte prematura que o de pessoas completamente sedentárias, e a esta altura o valor do exercício regular para todas as faixas etárias já foi bem documentado [...] Os sintomas principais do envelhecimento biológico podem ser melhorados através do aumento da atividade.

E a saúde, submetida às condições afetivas, cognitivas e sociais, é entendida em uma voz:

Olha, para mim tem muito sentido. É muito importante para mim. Além da gente aprender, que a gente sabe que faz muito bem para a saúde, para a locomoção, a respiração, a circulação, porque quando a gente fica com mais idade a tendência é ter mais peso, e favorece bastante a perda de peso. É uma coisa muito importante também, a amizade que a gente conquistou aqui [...] e isso é uma coisa muito importante, justamente na terceira idade. E mais importante ainda, a gente não fica doente. Eu costumo dizer que aqui a gente aprendeu a ter saúde (Estelita).

Todo este universo de interpretação do sentido, do significado e da percepção nos faz notar a grande possibilidade que há em remeter mais qualidade à vida através de uma simples mas significativa mudança de postura frente ao desconhecido, e do quanto a aprendizagem,

vinculada às experiências, poderá ser determinante a esta conquista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término de nossas investigações, portadores de reflexões que foram alicerçando-se no decorrer da realização deste exercício acadêmico, pretendemos deixar explicitadas, através da percepção dos idosos acerca da conquista da aprendizagem da natação, nossas próprias percepções - criadas e fundamentadas através do desenrolar deste estudo e, sobretudo, através das palavras ditas pelos próprios velhos, aos quais oferecemos o alcance de nossas metas e com os quais compartilhamos nossas conquistas.

Nosso objetivo fundamental centrou-se no desvelar da presente questão norteadora: "Qual a percepção de idosos acerca da conquista da aprendizagem da natação?" E nossa meta, criar e fundamentar uma reflexão pedagógica acerca da prática de atividades aquáticas com a população idosa.

Observamos, em nossa trajetória, que os velhos praticantes das atividades propostas têm um entendimento do nadar que extrapola a simples ação motora, ou ainda que supera as questões de técnicas pré-determinadas.

Se estão agindo e participando, se enfrentaram desafios e foram motivados a tentar e conseguir, se não encontram outro limite para sua continuada participação que não a própria vida; nossos atores se percebem vivos e capazes. E não estão alimentando uma condição utópica. Estão alimentados pelas oportunidades que lhes são dadas, a (re)descobrir atitudes motoras, sociais e afetivas e permitem-se à ousadia de acompanhar o "novo paradigma da velhice".

"I LEARNED TO SWIM" PERCEPTION OF THE OLD ABOUT THE CONQUEST OF THE LEARNING OF THE SWIMMING – SEARCHING FOR A PEDAGOGIC REFLEXION

ABSTRACT

The aim of this study is to hear from elderly students about their perception on the experience of learning to swim and what this practice means for their living, and through the analysis of their response categories discuss pedagogically the insertion of aging persons in the educational context, especially in the process of learning and practicing aquatic activities. It is based on the teaching experience with aging persons participating in the university extension project "Old Age, Swimming and Health", carried out in 1986 at *Núcleo Integrado de Estudos e Apoio à Terceira Idade*, promoted by *Centro de Educação Física e Desportos* (Center for Physical Education and Sports) of *Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)* and

coordinated by Dr. José Francisco Silva Dias. Their discourse allowed to identify the concept and perception of success attributed to the learning to swim and its meaning in their daily life experience through the participation in the activities promoted by the university for this special group of people.

Key words: perception, aging persons, learning.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BURRIEL, J. C.; BLANCAFORT, I. C. **Superando os limites do aperfeiçoamento técnico**. Barcelona: Apunts, 1986.
- CASTRO, A. **Percepções de professores e alunos em relação a experiências de sucesso e insucesso na disciplina de Educação Física escolar**. Santa Maria: Imprensa Universitária, 1997.
- CENNI, R. **Kan-Ishi-Sato: vida na água**. São Paulo: Manoli, 1993.
- CHOPRA, D. **Corpo sem idade mente sem fronteiras**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- DIAS, J. F. S. **Construindo uma nova dimensão da velhice: uma parceria com a educação**. 1997. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 1997.
- FRAIMANN, A. **Sexo e afeto na terceira idade**. São Paulo: Editora Gente, 1994.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- MANOEL, E. J. **Aspectos desenvolvimentistas da habilidade nadar: o nadar uma habilidade motora revisitada**. São Paulo: CEPEUSP, 1995.
- MARQUES, C. L. M. **O uso da percepção na natação caracterizado através da aprendizagem do nado crawl com ênfase proprioceptiva**. Monografia (Especialização) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 1997.
- MARQUES, M. O. **Escrever é preciso: o princípio da pesquisa**. Ijuí: Unijuí, 1997.
- MAZZO, G. Z. **Retrospectiva e perspectivas dos idosos diante da aprendizagem e desempenho de ações motoras**. Santa Maria: NIEATI/CEFD/UFSM, 1998.
- TREBELS, A. H. **Aprender a movimentar-se**. In: SEMINÁRIO BRASILEIRO EM PEDAGOGIA DO ESPORTE, 1., 1998, Santa Maria. **Anais...** Santa Maria: UFSM, 1998.

Recebido em 2/04/01

Revisado em 7/05/01

Aceito em 4/06/01

Endereço para correspondência: Carmen Lucia Marques, Rua Venâncio Aires, 701. Santa Maria. RS, CEP: 97010001. Fone: 0xx-55-2173304. E-mail carminhahidro@bol.com.br